

A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE ENTRE OS HITITAS

Nome: Leonardo Candido Batista
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Monica Selvatici

RESUMO

O artigo busca entender o processo de formação de identidade entre os Hititas. Para entendermos esse processo precisamos enxergar os Hititas como um povo de formação híbrida, de povos já estabelecidos na Anatólia e das remessas de invasões indo-europeias. A partir de tais aspectos desenvolve-se um povo com características próprias. Assim no começo do segundo milênio a.C outro movimento fundamental para a formação desse povo são as colônias Assírias. Essas trouxeram para a região da Anatólia influências Mesopotâmicas. A questão do título real Labarna é fundamental para estudar a identidade desse povo - esse que na tradição teria sido o primeiro rei dos Hititas, mas após sua morte seu nome continuou entre os reis, assim como César entre os imperadores romanos. Outra questão a analisar é a mudança da capital para Hattusa ordenada pelo rei Hattusili I, iremos buscar nesse aspecto se há uma questão ligada à identidade de seus antepassados. Por último veremos as características étnicas existente na Anatólia quando o reino dos Hititas se estabeleceu e uma literatura de autopromoção e política ligada à imagem do rei.

Palavras chave: Hititas; Anatólia; Identidade.

1. A Anatólia na época das invasões indo-europeias

Quando falamos sobre os Hititas é importante começarmos sobre a sua formação, compreender que era um povo híbrido, formado por elementos indo-europeus, Hurritas, *Hattian*, Sírios e Mesopotâmicos. A região da Anatólia foi onde os Hititas se estabeleceram e fundaram o seu reino. Como destaca James Macqueen (1986, p.11) a Anatólia era uma terra cheia de possibilidades, grandes fontes de matérias primas, sendo esse um fator importante para as migrações indo-europeias na região.

Por volta de 2300 a.C se tem evidências de grandes mudanças em algumas regiões da Anatólia, particularmente no oeste e no sul, e os estudiosos associam esse período com a incursão dos indo-europeus na região. James Mellaart (1971, p.681) fala que os recém-chegados falavam uma variedade de línguas indo-europeias e tinha uma cultura, religião e economia um pouco parecidas com a da população local. Acredita-se que no final do terceiro milênio a.C tinham três grupos de povos na Anatólia que falavam as línguas indo-europeias; os Luviitas no oeste, os Palaicos no norte e os Nesitas no centro e no leste.

Não se sabe ao certo de onde vierem esses invasores, ou se ao menos eles estiveram na Anatólia, como explica Melchert (2011, p. 705) não há uma pretensão de um verdadeiro consenso sobre se os indo-europeus estiveram na Anatólia, esses esforços aparecem para distinguir o que é uma opinião puramente pessoal na qual se reflete pela maioria dos pontos de vista, sendo assim essa discussão deve ser vista com algumas ressalvas em mente. Embora essa discussão seja complexa é importante ressaltar que uma cidade do começo do segundo milênio parece conter elementos indo-europeus, essa cidade era conhecida como *Nesa*, que foi um dos importantes centros de troca na época das colônias assírias. *Nesa* vem de Nesita que eram uma das línguas indo-europeias, aparentemente nesse período o Nesita se tornou a língua da Anatólia para a escrita.

Alguns especialistas acreditam que as populações locais da região da Anatólia era um grupo indígena pré-indo-europeu, um povo conhecido como

Hattians. Nos arquivos de Bogazköy encontram-se textos na linguagem *Hattic*, diferente da estrutura da língua indo-europeia. Supõe-se que esse povo eram os habitantes da região antes das invasões indo-europeias. Não é possível afirmar sobre a etnia da população que viveu na Anatólia nesse tempo e, como Trevor Bryce (2005, p. 13) informa, só se pode ter certeza da presença indo-europeia na região no final do terceiro milênio A.C, quando os nomes indo-europeus aparecem nos documentos dos mercadores assírios que se instalaram na região no começo do segundo milênio a.C.

Apesar das invasões indo-europeias serem discutidas às vezes como hipóteses e algumas vezes como concretas, não se pode negar a influência dessa característica entre os Hititas. Dessa maneira vemos como acontece o hibridismo na Anatólia, diversas culturas se entrelaçando fazendo surgir novos aspectos desse encontro, mas algo a mais estaria por vir, algo que levará para essa região um aspecto fundamental para a formação de um povo, de uma identidade. A noção de pessoa, de ser humano existente na Mesopotâmia contribuirá para a formação da identidade do povo da Anatólia, e essas ideias viram com muita força com as colônias Assírias.

2. As Colônias Assírias

As colônias Assírias (conhecidas como *Karuns*) funcionaram no platô da Anatólia como um dinamizador da política, economia e cultura, é a partir desse momento que aparecem os primeiros documentos escritos na região. Embora o primeiro contato Mesopotâmico com a região parece ter acontecido segundo uma narrativa lendária chamada “o rei da batalha”. Nessa narrativa os mercadores acadianos na cidade de *Purushanda* na Anatólia pedem a Sargão uma investida contra a cidade por estarem sendo oprimidos nesse lugar. Existe outro texto chamado “a lenda de *Naram-Sin*”, onde é relatada a cidade de *Purushanda* como pertencendo ao reino do neto de Sargão.

Não podemos afirmar até onde essas narrativas mostram relações anteriores às colônias e se realmente aconteceram, mas como destaca Trevor Bryce

(2005, p. 21) notamos que o aparecimento das colônias marca uma nova era na Anatólia, a era dos arquivos escritos. Essas colônias levarão junto às ideias Mesopotâmicas para a região, e uma estrutura necessária para a Anatólia se desenvolver politicamente. Como coloca Gordon Childe (1975, p. 167), uma cultura já estabelecida se difunde para outros centros secundários. Essas colônias funcionavam basicamente, como mostra Cécile Michel (2009, p. 71), na exportação de Assur para a Anatólia de produtos têxteis e estanho em troca de prata e ouro. As colônias se estabeleciam em uma região estrangeira longe de sua terra. O comércio era estabelecido por tratados com os governantes locais da Anatólia.

Embora essas colônias estivessem longe de Assur, à estrutura existente seguia os moldes Mesopotâmicos. Assim segundo Hildegard Lewy (1971, p. 715) os Assírios estabeleceram um padrão de dominação que será seguido ao longo de sua história, eles deixavam o governante local intocável no trono se eles estivessem dispostos a aceitar a supremacia Assíria. O tratado de vassalagem era concluído por um juramento dos dois lados e o príncipe local se tornava “filho” do rei Assírio que frequentemente mandava uma mulher da casa real para casar com o novo vassalo e tropas para proteger seu reino. Trevor Bryce (2005, p. 24) fala que podemos concluir pelos textos Assírios que o período das colônias era dominado por diversos reinos chamados *matu* (singular de *matum*). Assim, seguindo a ideia de Bryce, não podemos ter certeza de até aonde chegava à autoridade ou influência desses reinos. Assim cada foco tinha uma cidade chefe, na qual o governador (*raba`um*) exercia uma ampla autoridade sobre as comunidades dentro de seu reino. Mas esses governantes estavam sempre sujeitos à autoridade dos governadores dos *matum* a que eles pertenciam.

Mesmo longe de Assur os *Karuns* faziam parte da cidade Mesopotâmica, como destaca Marc Van de Mieroop (1997, p. 65) é um erro apontar que a cidade Mesopotâmica estivesse limitada ao seu centro murado. A cidade tinha diversas construções, uma cidade murada interna, subúrbios, um distrito portuário, assim como campos e pomares pertencentes a essas áreas. Todos esses eram elementos integrantes da cidade. Sendo assim uma estimativa do urbanismo Mesopotâmico não pode ignorar o papel que cada elemento tinha.

Quando o período dos *Karuns* termina, começa a história política da Anatólia, essa que não começa com os Hititas, mas com o reino de *Kussara* com a chegada ao trono de *Anitta*. *Anitta* conquistou várias cidades, entre elas a cidade de *Hatuss* (predecessora de *Hattusa* que viria a ser a capital Hitita) na qual amaldiçoou. A cidade de *Nesa* conquistada por *Pithana* (pai de *Anitta*) teve um papel importante nesse reino, pois se tornou a capital dessa dinastia. Os especialistas concordam que posições estratégicas fizeram *Pithana* conquistar *Nesa*, assim essa dinastia criou nessa cidade um grande poderio militar, realizando várias conquistas. No entanto, ainda para Trevor Bryce (2005, p. 39), outra razão para a conquista de *Nesa* eram as colônias Assírias ligadas a essa cidade, que também era o centro administrativo e de distribuição de toda a rede de colônias. Com o estabelecimento da dinastia de *Kussara* em *Nesa*, alterou-se dramaticamente a paisagem política do leste da Anatólia, sendo que as conquistas desses reis resultaram em uma extensa unificação política compreendendo toda a bacia norte do rio *Kizil Irmak*, a região central e toda região sul do *Kizil Irmak*.

A dinastia de *Kussara* não durou muito, os conflitos entre os diversos reinos da Anatólia começaram a se propagar com muita frequência. Algumas décadas depois da queda da dinastia de *Kussara*, finalmente todas as características do hibridismo que mencionamos vão contribuir para formar um poderoso estado nessa região, o reino Hitita, e sua história vai mudar para sempre as paisagens do antigo oriente.

3. Labarna e a identidade real dos Hititas.

A história do reino Hitita é revelada por documentos que distinguem dois períodos, o velho reino e o Império. Os textos que relatam o antigo reino são poucos e a maior parte está muito danificada, o estudo dessas fontes representa grandes desafios.¹ Para o presente estudo, três fontes são essenciais: primeiro os

¹ Gary Beckman (2007, p. 100) apresenta cinco fontes dos problemas para o estudo dos arquivos Hititas: a primeira foi a destruição da capital Hitita pelo fogo, a capital era em sua parte constituída de madeira o que ajudou no alastramento do fogo destruindo e fragmentando grande parte dos arquivos. A segunda fonte de dores de cabeça para os Hititólogos é que os Hititas não empregavam um sistema de datação em seus arquivos. O terceiro problema é a ignorância dos significados de muitos vocabulários que aparecem nas fontes especialmente

anais de *Hattusili I*, que fala de suas investidas militares em diversas regiões e essa fonte como fala Trevor Bryce (2005, p. 62) tem que ser suplementada com migalhas de outras fontes. O testamento de *Hattusili I* é outra fonte importante, essa nos fornece os detalhes da política interna no reino Hitita no reinado desse rei. Por último está o edito ou proclamação de *Telipinu*, que ocupou o trono alguns séculos (seis reinados) após a morte de *Hattusili I*. A extensão desse documento remonta aos primeiros triunfos e o subsequente desastre da monarquia Hitita até o momento da ascensão de *Telipinu*.

É no edito de *Telipinu* que vemos a primeira referência a *Labarna*, como sendo o primeiro rei dos Hititas.² O nome *Labarna* permanecerá na identidade dos reis Hititas, marcando a monarquia desse povo. Veremos como começa o edito de *Telipinu*:

“Antigamente *Labarna* era o grande rei. Então havia seus filhos, seus irmãos, suas relações por casamento, suas relações de sangue, e suas unidas tropas. E a terra era pequena. Mas em qualquer campanha que ele fosse, ele deixava as terras dos inimigos subjugadas com seu poder. Ele continuou devastando as terras, e ele despojou as terras de poder; e ele as fez fronteiras com o mar. Mas quando ele retornou do campo, cada um de seus filhos foram para várias terras (para governá-las). *Hupisna, Tuwanuwa, Nenassa, Landa, Zallara, Parsuhanta, Lusna* – estas eram as terras que eles governavam. As grandes cidades foram designadas para eles.” (*Edito de Telipinu*, §§1-4)

Aqui vemos um rei energético, conquistando e subjugando os reinos que parecem ter sobrevivido ou emergido depois do colapso do reino de *Anitta*. Como destaca Jürgen Lorenz e Ingo Schrakamp (2011, p. 125), a história dos Hititas

os de cerimônias religiosas onde partes significativas das palavras não são de origem indo-europeia, mas sim emprestadas de outras línguas como *Hattic* e *Hurrita*. O quarto problema é a geografia de onde os Hititas se estabeleceram, apesar de vários topônimos aparecerem nos textos, muito poucas foram identificadas, sendo que isso não foi por falta de esforços dos Hititólogos, mas sim por uma falta de continuidade dos nomes dos lugares da Anatólia central do período dos Hititas até os tempos clássicos, fazendo isso uma tarefa muito difícil. Por último é a dificuldade de decifrar os chamados “hieróglifos Hititas”.

² A existência de *Labarna* é discutível, pois no edito de *Telipinu* a parte que fala do reino de *Hattusili I* é semelhante à de *Labarna*, por isso há uma discussão sobre a existência de *Labarna* como sendo o primeiro rei, pois algumas vezes *Labarna* e *Hattusili I* são confundidos como sendo as mesmas pessoas.

é principalmente uma história de guerras. Desde os textos de *Anitta* vemos confrontos militares, assim vemos a importância da expansão para a formação desses estados na Anatólia durante o segundo milênio a.C. A expansão durante o antigo reino Hitita não seria possível sem uma estrutura militar organizada e desenvolvida. Trevor Bryce (2002, p.100) afirma que a guerra era em geral um negócio, era uma grande fonte de renda devido aos saques e espólios das cidades conquistadas e dos fluxos de impostos nesses territórios. A busca de matérias primas era, sem dúvida, um importante incentivo para as campanhas militares dos Hititas, mas Trevor Bryce (2011, p. 86) aponta algo muito mais importante, que seria uma ideologia que requeria que quem ocupasse o trono demonstrasse aos seus aliados e inimigos uma postura de governar que tivesse grandes sucessos militares, desafiando ou superando os mais ilustres predecessores. A imagem do rei como um poderoso guerreiro era importante para a ideologia real Hitita tal como era importante em todas as grandes monarquias do antigo oriente. Ao passo que *Labarna* se tornou um epíteto para os reis Hititas, *Tawananna* era usado para designar a rainha. Horst Klengel (2011, p. 32) fala que isso pode indicar um sistema matrilinear de referência, que teve certo papel no final do estado Hitita, mas que obviamente tem sua origem em um pré-estado, onde as características de clã eram dominantes. Já foi sugerido que a linha de sucessão Hitita era matriarcal, mas como destaca Richard Beal (2003, p.14) a sucessão passa de maridos para mulheres somente quando faltam descendentes masculinos, ou através de acidente ou assassinato. Como lembra Gurney (1973, p. 235) o nome de *Labarna* e de sua rainha *Tawananna* eram investidos de uma santidade especial.

Na ascensão de *Hattusili I* ao poder por volta de 1650 a.C ele se identifica em seus anais como “O grande rei *Labarna*, rei da terra de *Hatti*, homem de *Kussara*”. O termo homem de *Kussara* sugere que *Hattusili I* começou seu reino nessa cidade, ele herdou um reino que foi reduzido pela rebelião de *Sanahuita*, *Hattusili I* empreendeu uma grande série de conquistas por todas as regiões da Anatólia até a Síria, mas antes de começar essas investidas ele deu um importante passo para seu jovem reino. Ele estabeleceu uma nova base para a capital real, no terreno de *Hattusa*. De fato ele deve ter adotado o nome *Hattusili* como marca desse evento (BRYCE, 2005, p. 68). *Hattusili* significa “Aquele de *Hattusa*”, e pode ser que

esse terreno fora reconstruído antes do reinado de *Hattusili I*. Bryce (2005, p. 69) concorda com a visão geral de que foi *Hattusili I* que estabeleceu a base da capital hitita em *Hattusa*, embora o crédito a isso possa ser concebido a um de seus predecessores. Trevor Bryce (2005, p. 68) destaca que a reconstrução de *Hattusa* foi claramente em desafio a maldição de *Anitta* que de acordo com alguns especialistas indica que *Hattusili I* não era da mesma dinastia de *Anitta* e *Pithana*. Além disso como destaca Amir Gilan (2004, p.111) apesar da associação de *Hattusili I* com a cidade de *Kussara* não a nada que sugira que os hititas vissem *Anitta* como um ancestral. Ambos *Anitta* e seu pai são desconhecidos nas listas de oferendas e também estão faltando nas sessões dedicadas aos antigos reis hititas nos selos cruciformes.

Dessa forma a figura de *Labarna* criará uma identidade real, pois ele foi o pioneiro nas conquistas, sua imagem demonstrará para seus sucessores poder e força, o que era necessário para uma monarquia que acabara de se constituir como a dos hititas. Se o primeiro *Labarna* existiu ou não isso não importa na identidade que os reis hititas irão adotar em seu título real. Assim não há boas razões para duvidar da existência de *Labarna*, sua memória ficará como um grande guerreiro modelo para todos os soberanos que subirem ao trono, a identidade com o rei será fundamental para o funcionamento da estrutura militar, já que com os dois primeiros sucessores de *Labarna* haverá conquistas militares implacáveis.

4. A característica étnica da Anatólia no reino dos hititas

Nesse período existiam várias línguas e tipos de escritas na Anatólia, há um hibridismo na forma de escrita que os hititas utilizavam. Theo Van de Hout (2011, p. 47) fala que o legado da escrita do reino hitita pega um tempo de quase 500 anos (1650-1180 a.C) , durante esse tempo a classe dominante hitita usava dois tipos de textos, cada um com sua própria linguagem. O hitita é atestado como a língua dos reis, da família real e seus dependentes e era escrita em cuneiforme. A língua hitita (ou Nesita como era conhecida pelos hititas) aparentemente começou a ser usada no governo de *Hattusili I* em diante, essa era a principal língua administrativa, Craig Melchert (1995, p. 2152) fala que o hitita é sem dúvida uma

língua indo-europeia em todos os aspectos, tem influências como o *Hattic*, o Hurrita e o Acadiano.

A maioria da população da Anatólia como explica Theo Van de Hout (2011, p. 48), provavelmente falavam uma forma de Luvita, uma língua relacionada com o Hitita, mas que desenvolveu suas próprias características e formas os chamamos “hieróglifos Luvitas”. Esse sistema de escrita é atestado do século XV a.C pra frente, mas há possíveis precursores que datam da primeira metade do segundo milênio a.C. É importante destacar que essa língua é uma criação nativa da Anatólia. Melchert (1995, p. 2155) fala que as inscrições monumentais em pedra começam a aparecer no século XIV a.C. Mas o uso dos hieróglifos sobrevivem além do fim dos Hititas nos estados vassallos do norte da Síria, onde se tem grande número de textos datando do século X e IX a.C.³ Outras línguas encontradas nos arquivos Hititas eram: Sumério, Acadiano, Hurrita e *Hattic*.

Mas qual era a etnicidade dos povos da Anatólia desse período? Amir Gilan (2008, p. 108) fala que a figura que emerge de um longo século de estudos nos arquivos de *Hattusa* desafia qualquer definição étnica ou cultural simplista. O Hitita, a principal língua administrativa do reino era conhecida por seus falantes como Nesita. Assim Gilan chama a atenção para que os que falavam essa língua se identificavam como habitantes da terra de *Hattusa*. O começo da religião Hitita assim como sua ideologia real era também uma mistura de diferentes componentes (GILAN, 2008, p. 108). Melchert (2003, p. 18) fala que o rei Hitita e sua rainha possuíam títulos Luvitas, ao passo que o título do príncipe é *Hattic*. Gilan (2008, p. 108) fala que na luz dessa bricolagem, exista a visão que a antiga cultura Hitita possa ser interpretada como um produto de uma política de supremacia de um distinto grupo de indo-europeus sobre os habitantes indígenas *Hattic*, mas esse modelo já foi descartado em favor de um modelo de longo termo de transculturação. Assim esse processo de transculturação continua ao longo da história dos Hititas, ao

³ Existiam outras línguas de menor importância nos arquivos Hititas, como explica Theo Van de Hout 2011, p.49) duas pequenas coletâneas atestam existência de mais dois parentes da língua Hitita: O Palaico falado na área de Pala, nos Montes Pônticos ao noroeste de *Hattusa*. Melchert (1995, p. 2154) fala que o Palaico já não existia mais como uma língua falada no século XIV a.C, e já deveria estar extinta no tempo dos primeiros textos que aparecem essa língua que datam do século XVI a.C. O Palaico só pode ser observado no culto Hitita a divindade *Hattic Zapparfa*. A outra seria uma espécie de Luvita, apenas superficialmente diferente dos Hieróglifos, essas eram chamadas de Cuneiformes Luvitas.

passo que elementos culturais Hurritas foram misturados. Güterbock (1957, p. 233) mostra uma visão interessante sobre a etnicidade na Anatólia, sendo que para ele devemos separar essa em duas esferas: linguística e cultural. Os que falavam a língua Hitita fizeram parte do que foi chamada “civilização Hitita”, mas eles eram uma cultura mista e não podem ser atribuídos como um único grupo étnico. Assim o nome Hitita deve significar alguma coisa se aplicado à linguagem, outra coisa se aplicado à civilização. Ainda na ideia de Gilan (2008, p. 108) ao passo que a cultura Hitita certamente representa uma bricolagem de diferentes elementos, entrelaçados em um longo processo de transculturação, a formação política e a consolidação do reino Hitita ao longo da história foi executada por uma surpreendente distinção de grupo de autores. Segundo o egiptólogo J. Baines (1996 apud GILAN, 2008, p. 108) a criação de um estado e de uma cultura envolve forjar uma ideologia e uma identidade que irão sustentar essa unidade. Criando um caráter coletivo que implicará em uma ordem coletiva, onde a ordem é frequentemente axiomáticamente diversa e o caráter unitário. Poderia uma identidade coletiva ter surgido com a formação do reino Hitita na Anatólia? Poderia essa ser descrita como uma unidade étnica?

Para demonstrar discussões de etnicidade na Anatólia no segundo milênio a.C, Gilan (2008, p. 108) usa os comentários do antropólogo social Ernst Gellner que fala da estrutura social pré-industrial, agro-letrada entidade política. Gellner (1983 apud GILAN, 2008, p.109) fala da característica da sociedade agro-letrada, sendo que a camada dominante formava a minoria da população, rigidamente separada da grande maioria da população que eram produtores rurais ou aldeões. De acordo com esse modelo a estratificação social nas entidades políticas agro-letradas é horizontal. Portanto, a elite dominante é inclinada a salientar e a reforçar a diferença cultural na ordem para fortificar sua posição privilegiada e não tem qualquer interesse de promover uma homogeneidade cultural. As comunidades aldeãs eram ligadas economicamente e politicamente a sua localidade e dificilmente se comunicavam umas com as outras (GILAN, 2008, p. 109). Malkin (1998 apud Gilan, 2008, p.109) fala que identidades étnicas não são exclusivamente modernas e podem ser encontradas na antiguidade.

Gilan (2008, p. 109) fala que não é difícil encontrar essa estrutura horizontal da camada dominante na Anatólia Hitita. A família real teve um papel opressor ao longo da história Hitita. Como demonstra Gary Beckman (1995, p. 539) o palácio provincial recebia produtos de várias comunidades, havia também uma burocracia real encarregada de coletar e distribuir as riquezas. Watkins (2002 apud GILAN, 2008, p.109) mostra que a estrutura social ideal Hitita é demonstrada no primeiro parágrafo do edito de *Telipinu* em termos de relações individuais do rei. Essa relação é estabelecida através da família e laços reais ou através de alianças, ambas de casamento ou de lealdade política. Sökefeld (1997 apud GILAN, 2008, p.109) fala que uma descendência comum é frequentemente reivindicada na construção da identidade étnica. Essa ideia vem das formas de representações da noção de pessoa no pensamento Mesopotâmico como demonstra Benjamin Foster (2011, p. 120) orgulho na família e reputação pessoal era mais urgente para a maioria das pessoas do que sua identidade cívica, assim coisas como a pobreza e a falta de uma rede de patronagem eram causas para vergonha individual e descrédito. Gilan (2008, p. 109) coloca que uns padrões nos festivais Hititas revelam uma situação mais complexa do que o modelo de Gellner apresenta. A participação de várias cidades da Anatólia Central no festival de *KI.LAM* (um festival onde havia uma procissão real) sugere como argumenta Rutherford (2002 apud GILAN, 2008, p. 109) a existência de uma rede-religiosa nessa área. Esse padrão de participação religiosa expressa não somente a obediência horizontal para rei, mas mais importante, a noção de identidade comum compartilhada pela participação das cidades (GILAN, 2008, p. 109). Eriksen (1993 apud GILAN, 2008, p.109) fala que uma associação com um território específico e a noção de um culto compartilhado são componentes importantes de identidade étnica.

Gilan (2008, p. 111) caracteriza que uma apresentação instrumentalizada, na qual investiga os contextos que as identidades foram constituídas e articuladas na Anatólia “Hitita”, pode ser mais promissora que uma postulação a priori ou uma negação de identidades étnicas. Como vimos com Eriksen uma etnicidade emerge como resultado de um processo de diferenciação social ou em contato com outros grupos. Assim o processo da etnogênese “Hitita” pode ser estudado no contexto da expansão territorial, e o resultante contato com

outras “civilizações” ou em relação ao processo de diferenciação social (GILAN, 2008, p. 2011).

5. Uma literatura de autopromoção real

As colônias Assírias trouxeram bem mais do que um sistema de escrita para a Anatólia, trouxeram a noção de pessoa, de ser humano, vimos isso já com a identidade de *Labarna* entre os reis, e se considerarmos ideia que a cultura estabelecida da Mesopotâmia se difundiu para um centro secundário como Anatólia observaremos como a noção de pessoa era caracterizada firmemente durante o reinado de *Hattusili I* por sua literatura de autopromoção. Benjamin Foster (2011, p. 118) fala que a tradição Mesopotâmica escrita de todos os períodos oferece uma avaliação do que é ser uma pessoa e fala que os mais completos retratos da pessoa Mesopotâmica podem ser achados na poesia. Algumas poesias mostram o que o ser humano ao contrario do animal deve viver com um conhecimento que ele vai morrer, embora não saiba quando. Foster fala que a literatura Suméria mostra o contraste da cultura urbana com a pastoril, caracterizando que o respeito aos mortos é característico do ser humano civilizado, mas não do nômade. Como vimos a um respeito pelos mortos na tradição real dos Hititas, pois *Labarna* será o exemplo real para seus sucessores.

Apesar de algumas literaturas Mesopotâmicas demonstrarem o ser humano em contraste com o animal, sendo que esses últimos tomavam água, e os seres humanos davam preferência a bebidas fermentas. Esse contraste não é observado na literatura de autopromoção de *Hattusili I*, ao contrário disso ele se identificará com um leão. Essa adoção era aparentemente para intensificar seu caráter militar. Como Billie Jean Collins (1998, p.15) fala o leão é um animal para múltiplas dimensões simbólicas, provendo uma rica fonte de imagens orais. Nenhum outro animal parece ser adequado para representar uma linguagem figurativa de todos os desejos dos aspectos reais como o leão, incorporando isso ao militarismo ao poder e proezas políticas. Vejamos uma analogia feita por *Hattusili I*:

“Dentro de poucos dias eu atravessei o rio Ceyhan e derrubei Hassuwa como um leão com suas patas.

Quando eu a atingi, eu levantei poeira sobre ela e todos os seus bens eu peguei e enchi Hattusa com eles” (1998, apud, COLINS, p.15).

Como Collins (1998, p. 20) destaca através desse gênero de autopromoção, *Hattusili I* solidificou seu poder em seu reino ainda frágil. No final não é de surpreender que *Hattusili I* escolheu essa imagem para representar a si mesmo. Ele era habilidoso na autopromoção e o leão era a imagem perfeita para atingir sua meta. O que é mais surpreendente é que os outros reis Hititas não usaram essas ou imagens semelhantes. Mas o leão no imaginário de *Hattusili I* era mais que um stratagema político. Era um indicativo de um estilo literário que tirou suas imagens do mundo natural. *Hattusili I* trouxe para essa jovem civilização um nível de literatura e ganhos políticos que não seria visto de novo por quase trezentos anos (COLLINS, 1998, p.20). Dessa maneira vemos como as características Mesopotâmicas tocaram o povo Hitita, elas trouxeram tudo o que a Anatólia precisava para poder moldar uma poderosa cultura, com uma identidade forte e característica na guerra, no seu rei e por diversos fatores étnicos. Os Hititas sofreram altos e baixos em sua história, mas esse reino mudou as paisagens do antigo oriente na idade do bronze.

Conclusão

Ainda é difícil fazer um insight elaborado sobre os Hititas, ainda pairam muitas dúvidas sobre esse povo, e a dificuldade do estudo de suas fontes atrapalha esse processo. O estudo dos Hititas teve seu zênite na década de 90. Apesar da pouca volumosa historiografia, quase todos os anos existem colóquios e ensaios interessantes sobre esse povo. Mas independente disso enxergar a constituição desse povo e a formação de sua identidade é buscar um melhor entendimento das sociedades do antigo oriente. Ver como os Hititas se estabeleceram sendo uma sociedade extremamente híbrida e composta de diversas formas culturais e sempre aceitando diversas outras características a sua cultura é enxergar não somente esse espaço da Anatólia, mas o oriente inteiro, sempre em trocas culturais e elaborando sua cultura a partir de uma que já foi estabelecida. Dessa maneira o estudo dos Hititas não pode ficar apagado e escondido na sombra

da antiguidade, tem que ser realizado de maneira a iluminar melhor a história do mundo do antigo oriente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAL, Richard. The Predecessors of Hattusili I. In: Beckman, Beal and McMahon (orgs). **Hittite studies in honor of Harry A. Hoffnerr Jr.** Winona Lake: Eisenbrauns, 2003.

BECKMAN, Gary. From Hattusa to Carchemish: the latest on Hittite History. In: CHAVALAS (org). **Current issues in the History of Ancient Near East.** California: Regina Books, 2007.

_____. Royal Ideology and State Administration in Hittite Anatolia. In: Sasson (org). **Civilizations of the Ancient Near East vol 1.** New York: Simon & Schuster Macmillan, 1995.

BRYCE, Trevor. **Life and Society in the Hittite World.** Oxford: Oxford University Press, 2002.

_____. **The Kingdom of the Hittites.** Oxford: Oxford University Press, 2005.

_____. Hittite State and Society. In: Gens and Mielke (orgs). **Insights into Hittite History and Archeology.** Leuven: Peeters, 2011.

CHILDE, Gordon: **A Evolução Cultural do Homem** 3ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

COLLINS, B.J. **Hattušili I, The Lion King.** Journal of Cuneiform Studies, Vol. 50 (1998), pp. 15-20

FOSTER, Benjamin. The Person in Mesopotamian Thought. In: Radner and Robson (orgs). **The Oxford Handbook of Cuneiform Culture.** New York: Oxford University Press, 2011.

GILAN, Amir. Hittite Ethnicity? Constructions of Identity in Hittite Literature. In: Collins, Bachvarova and Rutherford (orgs). **Anatolian Interfaces: Hittites, Greeks and Their Neighbours.** Oxford: Oxbow Books, 2008.

GURNEY, O.R. Anatolia 1750-1600 B.C In: EDWARDS, GADD, HAMMOND e SOLLBERGER (orgs). **The Cambridge Ancient History Vol 2.1.** Cambridge: Cambridge University Press, 1973.

GÜTERBOCK, H.J. **Towards a Definition of the Term "Hittite"**. Oriens, vol 10, No 2, Dec 31 1957, pp 233-239

HOUT, T. Van Den. The Written Legacy of the Hittites. In: Gens and Mielke (orgs). **Insights into Hittite History and Archeology.** Leuven: Peeters, 2011.

KLENGEL, Horst. History of the Hittites. In: Gens and Mielke (orgs). **Insights into Hittite History and Archeology.** Leuven: Peeters, 2011.

LEWY, Hildegard. Anatolia in the Old Assyrian Period. In: EDWARDS, GADD, HAMMOND e SOLLBERGER (orgs). **The Cambridge Ancient History Vol 2.1**. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.

LORENZ, Jürgen and SCHRAKAMP, Ingo. Hittite Military and Warfare. In: Gens and Mielke (orgs). **Insights into Hittite History and Archeology**. Leuven: Peeters, 2011.

MACQUEEN, J.G. **The Hittites and their Contemporaries in Asia Minor** 2d edition. London: Thames and Hudson, 1986.

MELLAART, James. Anatolia c 2300 – 1750 B.C. In: EDWARDS, GADD, HAMMOND e SOLLBERGER (orgs). **The Cambridge Ancient History Vol 1.2**: Cambridge University Press, 1971.

MELCHERT, H.C. Indo-Europeans. In: Steadman and McMahon (orgs). **The Oxford Handbook of Ancient Anatolia**. New York: Oxford University Press, 2011.

_____. Indo-European Languages of Anatolia. In: Sasson (org). **Civilizations of the Ancient Near East Vol 1**. New York: Simon & Schuster Macmillan, 1995.

_____. **The Luwians**. Boston: Brill, 2003.

MICHEL, Cécile. **The Old Assyrian Trade in the light of Recent Kültepe Archives**. Journal of the Canadian Society for Mesopotamian Studies 3 [paru automne 2009], p. 71-82

MIEROOP, M.V. **The Ancient Mesopotamian City**. New York.: Oxford University Press, 1997.

